

A MEMETIZAÇÃO DO DISCURSO
BOLSONARISTA SOBRE COMBATE À
PANDEMIA DA COVID-19: DEMOCRACIA
SANITÁRIA À PROVA DA DESINFORMAÇÃO

*LA MEMETIZACIÓN DE LA DESINFORMACIÓN
EN EL DISCURSO BOLSONARISTA
EM TEMPOS DEL COVID-19*

*THE MEMETIZATION OF DISINFORMATION IN
BOLSONARIST DISCOURSE IN TIMES OF COVID-19*

*Sayonara LEAL**

*Fabiana MEJIA***

*Fábio NÓBREGA JÚNIOR****

RESUMO: O artigo discute como memes de internet atuam como operadores semióticos da formação discursiva bolsonarista à serviço da desinformação sobre medidas de combate à pandemia da COVID-19, no Brasil. Empregamos alguns postulados da Análise do discurso na inspeção de memes publicados em redes sociais online por internautas e parlamentares brasileiros alinhados à posição do ex-presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, sobre a realidade pandêmica no país. A crítica humorística às orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) é veiculada em unidades semióticas jocosas (memes) em três registros

* Professora Associada do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília- UnB. Pós-doutorado em Sociologia da Inovação – Centre de Sociologie de l’innovation, École des Mines de Paris, França. Doutora em Sociologia (UnB), mestre em Mudança Social (ULille) e em Cultura e Comunicação (UnB), graduada em Jornalismo (UFS). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9369-1960>. Contato: sayoleal@gmail.com.

** Graduanda em Sociologia – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Graduada em Museologia (UnB). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-3074-5409>. Contato: fabianam.unb@gmail.com.

*** Mestrando em Sociologia – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Graduado em Ciências Sociais e em Sociologia (UnB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3719-4286>. Contato: jr.fabio22@gmail.com.

principais: prevenção, tratamento e imunização contra a doença. Inferimos como a memetização de *fakenews* sobre o vírus e sua letalidade corroborou para a negação da gravidade de um problema público global em redes sociais digitais. O discurso bolsonarista paralelo ao consenso científico mundial sobre medidas de combate à doença se tornou um caso exemplar de ideologização da saúde pública no Brasil com repercussões danosas para a democracia sanitária no país.

PALAVRAS-CHAVE: Memes de internet. Desinformação. Covid-19. Bolsonarismo. Discurso.

RESUMEM: *El artículo discute cómo los memes de internet actúan como operadores semióticos de la formación discursiva bolsonarista al servicio de la desinformación sobre las medidas para combatir la pandemia de COVID-19 en Brasil. Empleamos algunos postulados del Análisis del Discurso en la inspección de memes publicados en redes sociales en línea por internautas y parlamentarios brasileños alineados con la posición del ex presidente de Brasil, Jair Messias Bolsonaro, sobre la realidad pandémica en el país. La crítica humorística a las orientaciones de la Organización Mundial de la Salud (OMS) se transmite en unidades semióticas jocosas (memes) en tres registros principales: prevención, tratamiento e inmunización contra la enfermedad. Inferimos cómo la memetización de noticias falsas sobre el virus y su letalidad corroboró la negación de la gravedad de un problema de salud global en redes sociales digitales. El discurso bolsonarista paralelo al consenso científico mundial sobre las medidas para combatir la enfermedad se convirtió en un caso ejemplar de ideologización de la salud pública en Brasil con repercusiones negativas para la democracia sanitaria en el país.*

PALABRAS CLAVE: Memes de Internet. Desinformación. Covid-19. Bolsonarismo. Discurso.

ABSTRACT: *The article discusses how internet memes act as semiotic operators of Bolsonarist discursive in the service of disinformation about combat measures for the COVID-19 pandemic in Brazil. We employ some postulates from Discourse Analysis in the inspection of memes published on social media platforms by Brazilian internet users and parliamentarians aligned with the position of the former president of Brazil, Jair Messias Bolsonaro, about the pandemic reality in the country. The humorous criticism of the World Health Organization (WHO) guidelines is conveyed in jocular semiotic units (memes) in three main registers: prevention, treatment, and immunization against the disease. We infer how the memefication of fake news about the virus and its lethality corroborated in the denial of the severity of a global health*

problem on digital social media. The Bolsonaroist discourse parallel to the global scientific consensus on measures to combat the disease has become an exemplary case of the ideologization of public health in Brazil with negative repercussions for health democracy in the country.

KEY WORDS: *Internet Memes. Disinformation. Covid-19. Bolsonaroism. Discourse.*

Introdução

A pandemia de COVID-19 foi decretada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Causada pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2), a doença teve seu ponto inicial na cidade de Wuhan, China, e foi caracterizada pelo rápido contágio e os sintomas podem variar desde um resfriado até uma pneumonia severa. Governos em vários países do mundo lançaram mão de políticas emergenciais na tentativa de conter a crise sanitária. No entanto, alguns desses governantes agiram como aliados do vírus SARS-CoV-2 ao boicotarem as medidas de contenção da doença consensuadas no âmbito da OMS para controlar o alastramento da enfermidade. Além disso, essas autoridades, com seus aparatos midiático-ideológicos (mídias sociais, fundamentalmente) e suas linguagens (textuais, visuais, audiovisuais), contribuíram para o fortalecimento de um inimigo no combate à crise sanitária, a chamada infodemia, decretada pela OMS, enquanto ondas massivas de desinformações acerca da doença e suas medidas de enfrentamento em plataformas digitais.

No caso do Brasil, o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) atuou como “agitador” da desinformação sobre o vírus, suas causas e efeitos de sua proliferação, via canais de transmissão de lives, em rede social digital. O papel do agitador, como observa (Blumer, 1939), é levar audiências, públicos, expectadores a desafiar e questionar seu próprio modo de vida, criando a inquietude social onde ela não ocorria (Nunes, 2013). O discurso bolsonarista paralelo ao consenso científico mundial sobre medidas de combate à doença reverberou-se em mídias sociais de seus simpatizantes e seguidores e, nossa hipótese é que isso corroborou para que a pandemia no país se tornasse um dos casos exemplares de ideologização da saúde pública no mundo com repercussões devastadoras para a democracia sanitária nacional por afetar a eficiência das políticas públicas de enfrentamento da crise de saúde pública global. Monteiro, Roth e Shelley-Egan (2023) sugerem que o fracasso brasileiro na gestão da pandemia, durante o governo Bolsonaro, se deve, não necessariamente ao déficit de políticas públicas, de bons cientistas ou de produção de conhecimento qualificada, mas, à forma como saberes e protocolos sanitários legitimados pela ciência consensuada foram ignorados ou preteridos em função de disputas políticas.

Neste sentido, as redes sociais eletrônicas foram locus privilegiado de disseminação da infodemia servindo aos propósitos ideológicos do Bolsonarismo¹.

Em uma época caracterizada pela ampliação do uso da internet, promovida pela maior portabilidade dos aparelhos eletrônicos, igualmente, cresceu a circulação de informações fraudulentas ou *fakenews*, e, durante a pandemia do coronavírus, serviram para questionar o valor científico das formas de combate ao vírus oriundos de orientações médico-sanitárias. A expressão *fakenews* diz respeito à produção e difusão intencional de notícias falsas em massa, com o intuito de “atrair audiência, enganar, desinformar, induzir a erros, manipular a opinião pública, desprestigiar ou exaltar uma instituição ou uma pessoa, diante de um assunto específico, para obter vantagens econômicas e políticas” (Galhardi *et al.*, 2020, p. 4203).

Na verdade, o que assistimos no Brasil foi menos a expressões de anti-ciência por parte de públicos bolsonaristas e mais a reprodução de versões alternativas de narrativas científicas sobre as características, gravidade e gestão da crise sanitária. Isto dialoga com o fenômeno da chamada “pós-verdade”, em que as circunstâncias nas quais fatos objetivos acontecem são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal. (Habowski; Conte; Milbradt, 2020). É nesse contexto que a crítica jocosa contra o consenso científico em torno de medidas de prevenção, tratamento e imunização operada pelos simpatizantes do governo Bolsonaro, em consonância com o Chefe de Estado, é performada em memes de internet como parte da engrenagem de disseminação (e rebate) de desinformações sobre a COVID-19.

A fácil circulação de memes em redes sociais online se dá muito em função de sua natureza jocosa, sua linguagem simples, variedade (imagens, vídeos, frases) e a falta de autoria. Segundo Oliveira e Porto (2023), as pessoas os compartilham pela sua relevância e por provocarem algum tipo de resposta emocional, risos, indignação. Entretanto, em um contexto desinformacional, essas unidades semiótico-discursivas podem servir de veículos promissores para “propagandistas do caos”, “profetas do engano” (Guterman; Lowental, 2019) identificados com o “eu do grupo” (Adorno, 2015) que atuam na agitação de espaços discursivos sob o método da normalização de verdades alternativas a serviço de ideologias ultraconservadoras e segregacionistas.

Neste artigo discutimos os nexos entre os memes de internet e o discurso de extrema-direita nos movimentos de desinformação sobre o Coronavírus em

¹ Entendemos por bolsonarismo um fenômeno político e cultural patológico que se referênciava na performance discursiva do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, mas não se restringe a esse, caracterizado pelo abalo de pilares democráticos do nosso convívio social, atuando para minar processos dialógico – comunicativos na esfera pública e o desenvolvimento livre de personalidades e identidades diversas na sociedade ao reforçarem preconceitos e racismos. Neste sentido, sua linguagem se aproxima de gestos fascistas, sem se confundir com o fenômeno histórico do Fascismo, como advertem Lessa (2020), Gentile e Piovezani (2020), Traverso (2016, 2017).

postagens de membros de redes sociais on-line bolsonaristas e de parlamentares brasileiros, posicionados no campo da direita radicalizada, em suas redes sociais digitais. Consideramos esses internautas e políticos “agitadores do engano” animando as mídias sociais em prol do caos informacional, eclipsando a gravidade do problema público global da pandemia. Pautamos nossa análise com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso, no qual se entende a linguagem como uma mediação entre sujeito e realidade, estabelecendo uma relação entre língua e ideologia (Orlandi, 2020).

Desse modo, parte do nosso foco está em destrinchar a narrativa científica eu-epistêmica postulada por Jair Bolsonaro no discurso dos apoiadores do ex-capitão do Exército sobre a pandemia e as medidas para a sua contenção e seus nexos com a formação discursiva da extrema direita a partir de enunciados em forma de memes de Internet. Para tanto, adotamos como procedimentos metodológicos o cotejamento e a inspeção de um conjunto de memes sob a *hashtag* #BolsonaroTemRazao, na rede social X (antigo Twitter), reproduzidos por parlamentares afinados ao bolsonarismo e daqueles propagados em grupos bolsonaristas no WhatsApp (grupos “Brasil Bolsonarista” e “Patriotas de Direita”) e Telegram (o grupo oficial do presidente Bolsonaro, “Canal Direita da Opressão” e “Direita Realista”), publicados entre 2020 e 2021.

O critério de escolha desses canais de mídias sociais se deu em função, no primeiro caso, da acessibilidade a comunidades virtuais formadas por simpatizantes do ex-presidente e, o segundo campo foi realizado em páginas autorais de políticos alinhados ao bolsonarismo. Tanto nos grupos como nas páginas das figuras políticas, as publicações selecionadas apresentavam: marcadores do gênero discursivo meme, segundo Díaz (2013), Shifman (2014) e Chagas (2020) e se referiam aos eixos semânticos estabelecidos para analisar a abordagem bolsonarista acerca das medidas sanitárias de combate à Covid 19, ou seja, prevenção, tratamento e imunização. Operamos a nossa analítica de um total de 13 peças de memes procurando realizar a crítica das ameaças ao potencial democrático da esfera pública digital, prenhe de ideais normativos, a partir da observação do universo institucional (deontológico/ético) e praxeológico existente em redes sociais on-line afinadas ao bolsonarismo. Observamos, assim, a prática discursiva da desinformação que contrariam ideais morais e normativos da liberdade de expressão em democracias², em um momento crítico da saúde coletiva no mundo em que a informação foi apontada por cientistas e sanitaristas como uma das armas mais eficazes contra a disseminação do novo coronavírus.

Este texto está organizado em três partes. No primeiro momento, discutimos dois fenômenos típicos da “era da pós-verdade” que se notabilizaram mais

² Inspiramo-nos aqui no modelo metodológico reconstrutivo de crítica social apresentado por Honneth (2013).

recentemente na esfera pública: a autorreferencialidade epistêmica como verdade absoluta e o descrédito da ciência consensuada. No primeiro caso constatamos o descompromisso com a deontologia da comunicação, como checagem de fontes confiáveis de informações antes de publicá-las e no segundo, a negação compulsória de conhecimentos advindos dos sistemas peritos, sem argumentos justificáveis, assentados em achados de pesquisa científica. Inferimos que esses dois eventos contribuíram para a politização da saúde pública durante a crise sanitária da Covid-19 no Brasil, sob o governo de Jair Messias Bolsonaro, um populista de direita radicalizada, a partir de estratégias discursivo-midiáticas. No segundo momento, contextualizamos os memes de internet como dispositivos digitais multimodais que se tornaram uma linguagem da comunicação on-line, sendo portador de potencial persuasivo discursivo. A partir disso, exploramos os memes de internet usados na esfera política (também chamados de memes políticos) e como eles são utilizados para propagar valores e ideias, inclusive a serviço da desinformação. Na última parte, analisamos o discurso bolsonarista veiculados em memes coletados em grupos e páginas on-line de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Discorremos sobre a propagação da formação discursiva bolsonarista por meio desses dispositivos semióticos jocosos durante a pandemia e seus nexos com a desinformação acerca do discurso científico consensual proferido pelas instituições de saúde, em escala global. Finalmente, apresentamos nossas conclusões acerca dos nossos achados de pesquisa.

Agitação bolsonarista nas redes sociais digitais: desinformação e descrédito da ciência consensuada em tempos pandêmicos

A proliferação de grupos em redes de sociabilidade on-line se traduz em fenômeno comunicacional e político contemporâneo com fortes impactos sobre formas de interagir, se relacionar, informar e formar opiniões, levando a redesenhos da esfera pública como ágora informacional. A esse respeito, Habermas (2022) discute que, enquanto lócus de integração política de cidadãos do Estado, a esfera pública garante a continuidade da entidade coletiva democrática, no entanto, perde seu vigor ético-normativo, fundado na deliberação, quando colonizado pela desinformação aliada a violências simbólicas que escapam aos princípios deontológicos que regem a comunicação eticamente responsável.

A poluição da esfera pública digital pelas notícias falsas compromete as mídias sociais como lugar confiável de investigação de informações para esclarecimentos sobre problemas públicos e dúvidas geradas por estes, contribuindo, assim para a tibieza da democracia como forma de governo e estilo de vida (Dewey, 1927; Voirol, 2017).

Habermas (2022) pondera que presenciamos uma nova mudança estrutural da esfera pública, caracterizada por um modo de comunicação semipública, fragmentada e autorreferencial que se manifesta amplamente em redes sociais digitalizadas, com fortes implicações para a confiabilidade na veracidade de conteúdos transmitidos. A proliferação de conteúdos informativos autorreferenciados apenas nas crenças do seu emissor em mídias sociais, sem checagem da veracidade dos fatos, sem preocupações deontológicas, ameaça o potencial de esclarecimento da esfera pública, trazendo uma perda do potencial dialógico (Habermas, 1989, 2020) e investigativo-educativo (Dewey, 1950) em processos comunicativos, com fortes implicações para a formação de capacidades críticas dos atores sociais (Boltanski, 2015; Boltanski, Thevenot, 2007).

Já a lógica investigativa, tanto para cientistas como para cidadãos ordinários, é, segundo Dewey (1950), normalmente, acionada quando nos deparamos com incertezas, situações de risco, desestabilizadores da ordem de normalidade da vida que estamos habituados a experimentar, cujo propósito é o de nos conduzir ao esclarecimento sobre o que está acontecendo para adoção de comportamentos e atitudes rumo a sua solução. No entanto, a razão investigativa promissora para resolução democrática de problemas públicos depende do acesso a fontes elucidativas para o seu enfrentamento e encontra um de seus maiores desafios em tempos de pós-verdade, enquanto um ceticismo generalizado com relação às instituições políticas e democráticas (Fernandes *et al.*, 2020).

Inferimos, assim, que dois fenômenos da era da pós-verdade se notabilizam mais recentemente na esfera pública: autorreferencialidade epistêmica como verdade absoluta, a qual dialoga com o fenômeno do descrédito da ciência consensuada em fóruns oficiais de experts (Collins, Evans, 2010), e o descompromisso com a deontologia da comunicação, cujos casos estão fartamente documentados em vários estudos no contexto das campanhas sanitárias de prevenção, tratamento e imunização, durante a pandemia do novo coronavírus, inclusive no Brasil. Isto, por sua vez, corroborou para o movimento anti-vacina COVID-19^[1], redundando, assim, na politização da saúde pública (Moutinho, 2020), especialmente, em países governados por populistas de direitas radicalizadas, onde a difusão de notícias falsas coaduna com o descrédito em sistemas peritos (ciência) e de instituições sanitárias.

A relação entre extrema direita e pensamento anticência já tinha sido identificada por Adorno (2019) ao tratar da expressividade da personalidade autoritária no contexto norteamericano do Pós II Guerra. Ao elencarem traços que caracterizam a persona autoritária, entre eles figuravam o anti-intelectualismo acompanhado do anticientificismo. Os autores constataram forte incidência entre os pesquisados de explicações para fenômenos objetivos em formulações pseudocientíficas, ou até anticientíficas, exibindo incompletudes, negações ou excessivas simplificações de aspectos da realidade. Segundo o autor,

Os altos pontuadores [da escala fascista], por sua vez, não possuem, no geral, a habilidade de questionar as informações fornecidas de modo pronto, dicotômico e simplificado, o que constitui uma defesa contra a descoberta de modificações na exterioridade percebida de forma rígida e contra a percepção de fraquezas em si mesmo. Por isso, suas explicações para fenômenos objetivos tendem a ser pseudocientíficas, ou até anticientíficas, exibindo incompletudes ou excessivas simplificações de aspectos da realidade. (Adorno, 2019, p. 58).

No atual momento político no mundo marcado pelas ascensões populistas de extrema-direita, podemos nos deparar com gestos, mentalidades ultraconservadoras e usos da linguagem fascista (Piovezani, 2021, Piovezani, Gentile, 2020) que contextualizam afinidades entre posturas egocentradas e a disposição para a desinformação em forma de *fakenews*. Estas são emitidas por figuras midiáticas que denominamos de “profetas do engano”, nos termos de Guterman e Lowental (2019), ao se referirem ao fenômeno da “agitação fascista”, em trabalho de pesquisa, feito nos EUA, sobre a ascensão do antissemitismo, na primeira metade do século XX naquele país. Pensar tal agitação em tempos pandêmicos significa atentar para os impactos prejudiciais às campanhas de esclarecimento em saúde, contribuindo para gerar insegurança em compasso com a normalização de ideologias ultraconservadoras e segregacionistas (Oliveira; Gomes, 2019).

A desinformação, além de contribuir para a corrosão da democracia, oferece um desserviço à população, especialmente, em situações sanitárias críticas, onde vidas humanas estão em jogo. Merton (1977) já advertia que a produção de conhecimentos (científicos) de caráter impessoal e confiável só se torna possível em regimes democráticos. O autor sustenta que o juízo político acerca de teorias científicas e consequentes interferências em sua legitimação é averso à esfera valorativa da atividade científica. Com isso, não queremos afirmar que a ciência é incontestável, pois o conhecimento científico carrega em si uma inegável ambivalência (Bauman, 1999). Mas, como ratifica Beck (2011), no passado, somente a ciência falava para a sociedade, mas o estágio recente da reflexividade moderna permitiu que também a sociedade falasse para a ciência.

Não se trata de descrença ou desprezo pela instituição científica, mas porque precisamos dela, isso a torna alvo de interesse e controvérsias públicas. Pois a ciência pode ser constatável, especialmente, diante de informações conflitantes sobre artefatos tecnocientíficos controversos, como medicamentos e vacinas, cuja credibilidade pública passa por diversos fatores, incluindo experiências pessoais, redes sociais, confiança em autoridades (Carrion, 2018) e, no caso da formação de crenças antivacinação, estudos sugerem a relevância de considerar bases cognitivas dessa atitude tais como vieses de confirmação e pensamento intuitivo (Lindeman; Svedholm-Häkkinen; Riekkki, 2022). No entanto, o debate sobre a pertinência de um

conhecimento ou medicamento para terapias preventivas e de cura requer provas e discussão racional entre atores que detêm expertise científica, no nível técnico ou, ao menos literacia científica, ou seja, públicos capacitados para discernir entre dúvidas legítimas sobre eficácias de tratamentos e vacinas e especulação político-ideológica sobre riscos sanitários produzidos pela tecnociência.

No momento de incertezas provocado pela pandemia do novo coronavírus, observamos agitadores midiáticos do engano que se beneficiaram da infraestrutura eletrônica das redes online para propagar desinformação e fragilizar a adoção de medidas sanitárias contra a Covid-19. Estudos mostraram que a presença de um *link* e/ou fonte validando uma mensagem, mesmo que falsa, pode evocar credibilidade entre os usuários de plataformas digitais, sobretudo, aqueles em situação de vulnerabilidade (Bapaye; Bapaye, 2021). Brown, Keefer e McGrew (2019) constatam, justamente, que fatores situacionais influenciam a receptividade de informações enganosas, uma vez que diferentes circunstâncias podem afetar a disposição das pessoas em aceitar ou acreditar em mensagens que são sem sentido ou fraudulentas, mas que podem parecer plausíveis. Os autores incluem a complexidade do contexto, a autoridade percebida da fonte de informação, o alinhamento das informações com as crenças ou desejos pré-existentes dos indivíduos, além da motivação e da capacidade cognitiva das pessoas como suscetíveis de mediar a influência desses elementos situacionais.

Oro e Alves (2020) postulam que a atuação do ex-presidente Jair Bolsonaro durante o primeiro ano da pandemia, em 2020, se baseou na relação e aliança com alguns líderes evangélicos pentecostais que resistiram aos argumentos científicos consensuados sobre o coronavírus no Brasil. Os pesquisadores constataram lógicas e práticas simbólicas que politizaram a pandemia, materializada numa governabilidade que promoveu o negacionismo da ciência defendida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) ao naturalizar o vírus, tomando “a ciência como pessimismo, a mídia como motor do pânico coletivo, o cuidado como desnecessário e a doença como ‘algo de fora’” (Oro; Alves, 2020, p. 141).

Assim, grupos bolsonaristas usaram as redes sociais digitais para atacar autoridades sanitárias e científicas, deslegitimando o isolamento social e promovendo o uso de medicamentos que não possuem eficácia contra o coronavírus, como a cloroquina e a hidroxicloroquina (Bárbara, 2020) e tal discurso encontrou ressonância em grupos de seus apoiadores. Em suas *lives* e entrevistas, bem como na utilização de seus canais digitais, Bolsonaro fez propaganda desses medicamentos (Ricard; Medeiros, 2020). Todavia, de acordo com a OMS e cientistas renomados, não haveria comprovação científica de que a substância ajudasse no tratamento do vírus, assim como qualquer outra droga, bebida, alimento ou vacina já existente. (Júnior *et al.*, 2020).

Concebemos, assim, que a narrativa anticiência consensual de Bolsonaro contra os protocolos de isolamento do SARS-CoV-2 se beneficia de ataques mais recentes às instituições garantidoras de nosso regime democrático e do espaço comunicativo virtual aberto pelas mídias sociais que acatam múltiplas vozes e perspectivas, inclusive a de agitadores da desinformação, cuja atuação corrobora para níveis de reflexividade (individual, interpessoal e coletiva) que se manifestam em comportamentos (des)favoráveis a tratamentos e imunizações de doenças³.

A reflexividade, em diferentes escalas, antivacina COVID-19, facilitada pela agitação bolsonarista online, encontra ressonância, segundo nós, no falseamento da opinião pública que se forja no seio da propagação e consumo de informações falaciosas sobre a pandemia do vírus, dando vazão à formação de contra-públicos animados pela oposição à ciência consensuada pela OMS. Neste sentido, chamamos a atenção para o uso de memes de Internet pelos agitadores bolsonaristas como operadores discursivos eficientes de mensagens enganosas sobre prevenção, tratamento e imunização contra COVID-19 em redes sociais que agrupam seguidores do ex-presidente, Jair Bolsonaro.

A memetização da política sanitária nas redes sociais online a serviço da crítica jocosa à contenção da pandemia da COVID-19

A expressão meme foi cunhada pelo biólogo Richard Dawkins, em 1976, em seu livro *The Selfish Gene* (2006), no qual o autor usou a palavra para descrever o que ele chamou de “gene cultural”. O termo “meme”, na verdade, é uma abreviação de “mimeme”, palavra de origem grega que tem relação com a ideia de imitação. Logo, fazendo uma analogia aos genes, os memes seriam unidades culturais replicáveis que são compartilhadas entre os indivíduos e, em seguida, passadas adiante. Na concepção “dawkiniana”, as ideias, música, poemas, artes, moda e, até perspectivas religiosas são consideradas memes. Dessa maneira, eles comumente são comparados a agentes virais (Brodie, 2009; Mejia, 2022) por serem agentes replicáveis que necessitam de um hospedeiro para se reproduzirem (Buchel, 2012). Diferentemente dos genes, entretanto, os memes são propagados a uma velocidade generosamente superior e em sentido horizontal, sendo compartilhados por aqueles de uma mesma geração por imitação. (Buchel, 2012).

³ Numerato, Vochocová, Štětka e Macková (2019) examinam as várias dimensões da reflexividade presentes nas discussões sobre vacinação nas mídias sociais. Isso inclui a reflexividade individual, onde os usuários reavaliam suas próprias crenças e decisões em resposta a informações encontradas; a reflexividade interpessoal, que envolve a troca de informações e experiências entre os usuários; e a reflexividade coletiva, que se manifesta em movimentos sociais e campanhas online relacionadas à vacinação.

Mas, os memes de internet, por outro lado, podem ser considerados como um dos produtos da popularização do acesso à internet durante o final dos anos 1990 e início dos anos 2000. No decorrer das últimas décadas, eles se tornaram fenômenos da comunicação online, sendo objetos predominantes de uma era na qual a mídia é notoriamente mais participativa (Milner, 2020). Mas, tal caráter mais inclusivo das mídias digitais, em comparação às mídias tradicionais, não significa mais democratização da esfera pública, sobretudo, porque os conteúdos que circulam nessas redes são menos sujeitos à regulação e mais suscetíveis a desvios deontológicos (Habermas, 2022). Como aponta Orlandi (2013, p. 9, *itálico da autora*) “emerge uma nova materialidade discursiva para falar da *realidade* e um novo *real surge*”.

Geralmente, associados a imagens engraçadas, os memes de internet podem se apresentar em diversos formatos: *gifs*, *catchphrases*, *hashtags*, imagens ou vídeos. Nesta pesquisa, adotamos um conceito de memes de internet baseado em Díaz (2013) e Shifman (2014), sendo entendidos como unidades de informação que têm em comum seu conteúdo e/ou formato. Eles são compartilhados virtualmente entre as comunidades online, podendo haver transformações ou remixagens no processo. Podem surgir ou serem criados propositalmente e, além disso, possuem um alcance muito rápido, ou seja, eles se espalham velozmente. E vale lembrar que eles não são, necessariamente, engraçados. (Freire, 2016). Pois, existem diferentes formas de se usar o humor para comunicar, incluindo ironia, sarcasmo, sátira, autodepreciação ou provocação (Martin, 2007), as quais podem ser usadas para criticar.

Werneck (2015) apontou que uma crítica vai se desdobrar de maneiras muitos diferentes a partir do grau de intensidade com a qual ela é feita. Quando empregada sob forma de piada, o fator de insatisfação daquele que critica ainda está presente na crítica, mas o criticado não se sente atacado. Nesse sentido, o humor, por ter um aspecto estritamente simbólico, ele “não se permite temer as reações do outro e, portanto, se pode dizer o que quiser” (Werneck, 2015, p. 199). No caso do memes, é interessante notar como essa peculiaridade humorística abre uma porta para que esses objetos digitais sejam aptos a performar uma crítica, transmitir ideias, pensamentos ou discursos de uma maneira simples e de fácil compreensão. Além disso, como mencionado anteriormente, existem outros fatores que auxiliam no seu processo comunicacional: sua simplicidade, intertextualidade e contexto.

Começamos pela simplicidade, a linguagem de um meme deve ser facilmente compreendida pelo público para garantir que seu efeito seja assimilado pelo usuário (Mejia, 2022). Shifman (2014) ainda ressalta que é a sua simplicidade que viabiliza que o seu conteúdo seja mais facilmente copiado e alterado pela comunidade online. Em seguida, temos a sua intertextualidade, que diz respeito a fazer menção a outros eventos (ou textos, filmes, novelas, músicas, jogos etc.) já ocorridos, seja de maneira implícita ou explícita. Nunes (2020) afirma que, não é preciso saber da trajetória de um meme, mas que é importante reconhecer que eles fazem parte

de uma comunidade prática e, assim, devem ser analisados de tal modo onde seja possível identificar a sua relação com os elementos a sua volta. O que nos leva ao âmbito contextual no qual o meme foi criado e compartilhado Bergson já dizia que o humor pode causar um certo estranhamento se você não faz parte do meio cultural do qual ele provém (Sola-Morales, 2020). Da mesma forma, Werneck e Loretto (2018) dizem que uma crítica só é entendida se ela faz sentido, tanto em seu aspecto moral quanto contextual. Assim, para melhor entendimento do discurso veiculado no meme é necessário conhecer o contexto de sua criação e circulação, pois, “sem o contexto político, econômico e social da sua produção, perdem o sentido e efetividade [...]. Seu sentido não é mais do que a situação conjuntural e os atores a quem fazem referência.” (Mercado; Scargiali, 2020, p. 282).

Quando entendemos os elementos que levam a viabilidade comunicacional dos memes vemos, conseqüentemente, como eles convidam os usuários a interagirem e compartilharem de seus conteúdos. É esse conjunto de fatores que eleva os memes para além do online, para terem seus efeitos no off-line. Eles impactam na maneira em como vemos o mundo e moldam as nossas perspectivas sobre ele (Fielitz; Ahmed, 2021). Como exprime Damasceno (2020, p. 133), são “as narrativas meméticas, pela rapidez, simplicidade e viralidade das quais estão embebidas, que se configuram potências formativas no que diz respeito à disseminação de informações”. Portanto, “perceber o meme na sua concepção comunicativa e de interação no ciberespaço, com poder de influenciar comportamentos e dar visibilidade a ideias, valores e condutas, eleva as dimensões de sua compreensão sociocultural” (Eleutério *et al.*, 2021, p. 9).

Visto o nível de popularidade que os memes têm adquirido nos últimos anos, essas unidades discursivas também têm sido foco de pesquisa sobre a sua influência e significado, especialmente, nas esferas políticas a partir de sua circulação nos meios digitais (Shifman, 2014; Freire, 2016; Medina, Garcia, Martínez, 2021; Chagas, 2020). A partir disso, podemos identificar um processo no qual os memes acompanham as mudanças e transformações das tecnologias digitais.

Medina, Garcia e Martínez (2021) lembram que a relação entre comunicação política, meios de comunicação e o humor datam desde os primeiros suportes informativos que eram direcionados ao público. A caricatura, por exemplo, se configurou como um meio de expressão que combinava informação com arte popular, se aproveitando da imaginação do leitor para efetuar sua crítica política, desde o século XVIII. O sistema midiático, até o final do século XX, era, essencialmente, vinculado às elites culturais, empresariais e jornalísticas, porém, atualmente, abriu-se espaço para outros atores se envolverem nos debates públicos (Miskolci, 2023).

Uzeda, Ferreira e Silva Jr. (2021) lembram que nunca houve um nível tão alto de interdependência entre o ser humano e a tecnologia. A essencialidade das tecnologias de informação e comunicação (TICs) para as atividades cotidianas as

transformaram em uma “segunda natureza”. E, do mesmo modo, os autores lembram que é justamente essa popularidade e portabilidade de tecnologias digitais que promoveu uma ampliação exponencial na obtenção de informação, sua transmissão e interlocução. Assim, uma “nova ecologia de meios foi capaz de mediatizar a opinião pública em suas maneiras de se informar, tomar decisões e agir” (Miskolci, 2023, p. 18). Logo, a percepção de participação política se expandiu para incluir também práticas comuns, como comentários em blogs ou compartilhamento de publicações ou posts (Shifman, 2014).

Vemos que os memes, nessa perspectiva, são objetos que permeiam esse novo sistema político sociocultural. Eles podem ser, por um lado, uma forma de participação política e de expressão de cidadania do indivíduo e, do outro, um meio de propagação de valores de alguma liderança política. Para Shifman (2014), eles podem operar: (i) como ferramentas de persuasão ou *advocacy* política; (ii) como ação popular e/ou (iii) como modos de expressão e discussão popular. Tomemos como exemplo as *hashtags* #EleNã ou #ForaTemer, ambas se enquadram como memes de internet e são, efetivamente, formas de expressão política. Logo, nos resta reconhecer que os memes têm importância, pois são elementos característicos da era digital e representativos de uma nova maneira de se “fazer política”. Afinal, “política também está relacionada, às demandas de diferentes grupos de interesse por representatividade, isto é, ao acumulado de relações simbólicas, advinda dos procedimentos relativos a articulações de entidades privadas na esfera pública, e seus efeitos.” (Freire, 2016, p. 37). Pesquisas apontam que o uso das redes sociais digitais é uma estratégia utilizada por líderes populistas, as quais permitem mobilizar os seguidores e se estruturam como um meio de comunicação para sua audiência, oferecendo uma possibilidade de influenciar mais pessoas (Recuero; Soares, 2022). Para Fielitz e Ahmed (2021) essa é uma tática muito utilizada pela extrema-direita, em nossas sociedades digitalizadas, pois um movimento político de sucesso precisa ser *entertaining*, isto é, deve ser interessante, além de fazer referência a elementos da cultura popular e deve ser participativo. Nesse sentido, os memes de internet se tornam operadores perfeitos para os grupos da extrema-direita, em termos de colaboração e comunicação, pois esses focam nas vulnerabilidades do ecossistema das mídias jornalísticas para aumentar a visibilidade de suas mensagens e de sua audiência (Marwick; Lewis, 2017). Desse modo, os memes

Como conteúdos midiáticos, são capazes de difundir (ou propagar) mensagens persuasivas na tentativa de convencer as massas e incitá-las à ação política. Com um discurso que realça determinados aspectos de um candidato, um movimento ou uma causa, eles procuram sintetizar pontos positivos ou satirizar pontos negativos, consolidando sua proposta teórica através da metáfora (Chagas, 2020, p. 239).

Eles se apresentam, assim, como unidades epistêmicas criativas expressando ideias de uma maneira eficaz e concisa, facilmente compreendidas por outros que estão familiarizados com os conceitos neles transmitidos (Buchel, 2012). No caso da pandemia de COVID-19, nos interessamos em explorar esse objeto semiótico a partir do registro desinformativo⁴ a serviço do descrédito da ciência consensuada. Neste estudo, entendemos desinformação como um “fenômeno baseado no compartilhamento de conteúdo falso para influenciar o discurso público” (Recuero; Soares, 2022, p. 75), podendo assumir diferentes formatos e linguagens.

A memetização da desinformação sobre a pandemia da COVID-19 e seus nexos com a formação discursiva bolsonarista

Para cumprir com os propósitos deste artigo, efetivamos a busca inicial de memes que se referiam à pandemia do novo coronavírus em páginas da rede social X de políticos de direita radicalizada e de grupos bolsonaristas a partir das palavras-chave: COVID-19, pandemia, cloroquina, ciência, isolamento social, vacina, medicamento. O cotejamento de registros semânticos marcantes do discurso anticientífico (mensagens de texto, áudios, GIFS, memes e imagens) foram de grande interesse para discutir sua afinidade com a “formação discursiva de extrema direita” sobre a pandemia do vírus

Em termos de organização e interpretação dos dados, nos beneficiamos do método da Análise do Discurso, que consiste em uma metodologia para investigação das relações de poder dos sujeitos observados, a partir da qual se concebe a linguagem como mediação necessária entre homem e a realidade natural e social (Orlandi, 2020), entendendo que a mediação se expressa pelo *discurso*. Tais práticas discursivas possuem mecanismos de dominação intrínsecos à linguagem (Cappelle *et al.*, 2003), pois, o discurso é um dos pilares que gera sentido em um texto, onde o sujeito da enunciação se torna presente e externaliza o seu contexto sócio-histórico e uma semiose social, envolvendo registros ideológicos e de poder que constituem uma formação discursiva que (re)produz regimes de verdade (Gregolin, 1995).

Além disso, esse método busca entender como os fluxos comunicacionais foram produzidos, explorando todo o contexto social e histórico, portanto, se refere ao estudo da articulação entre linguagem e ideologia. Esta última se materializa por meio do *discurso* que, por sua vez, é atravessado por questões sócio-históricas – o que implica dizer que os sentidos são, necessariamente, referenciados ideologicamente. Ademais, “a Análise de Discurso aceita a existência de diferentes linguagens,

⁴ É importante ressaltar também, que os memes de internet foram igualmente utilizados para rebater as *fakenews*, ridicularizando aqueles que compartilhavam das falas e posicionamentos inspirados no ex-presidente Jair Bolsonaro, como “quem tomar vacina vai virar jacaré”.

A memetização do discurso bolsonarista sobre combate à pandemia da Covid-19: democracia sanitária à prova da desinformação

procurando compreender a forma como elas funcionam” (Bortolin; Fernandes, 2017, p. 89) afinal, “é no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa.” (Orlandi, 1995, p. 40).

Ao nos beneficiarmos da Análise de Discurso (AD) (Orlandi, 2013; 2020) como método de tratamento e interpretação dos dados cotejados, nos concentramos em memes ilustrativos do discurso bolsonarista sobre medidas de combate à pandemia da COVID-19. O material coletado foi dividido em dois grupos, o Grupo A (9) se refere aqueles mapeados em grupos na rede social on-line Facebook de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro e o Grupo B (4) cujo material foi retirado de páginas do X (Twitter) de parlamentares adeptos ao bolsonarismo, no período entre 2020 e 2021.

Posto isso, propomos analisar memes como um gênero discursivo lúdico-crítico, frequentemente permeados por deboche, buscando identificar os elementos intertextuais que fazem referência a medidas preventivas, terapêuticas e imunizantes contra a COVID-19 em redes sociais agitadas por bolsonaristas.

Memes sobre prevenção contra o coronavírus

No eixo prevenção evoca-se um dos materiais encontrados nos grupos bolsonaristas (A) pesquisados, a partir dos quais podemos destacar a seguinte notícia, amplamente compartilhada em sítios bolsonaristas: “professor da UFPE desfaz falácia do *lockdown* e expõe os perigos do isolamento social”. Ao ler o texto publicado, que está hospedado no portal “Direita.Tv”, é afirmado que medidas como *lockdown* e isolamento social exibem perigos para a sociedade, asseverando que esse modelo de política tem tendência a aumentar o número de mortes. A ciência “alternativa”, postulada por um docente do ensino superior, é mobilizada para legitimar a crítica às medidas preventivas contra o contágio pelo vírus.

Quadro 1: Memes sobre prevenção contra o coronavírus



Figuras 1, 2 e 3 – #BolsonaroTemRazao na rede social X. Fonte: Captura de tela.

As figs. 1 a 3 são publicações feitas pelos parlamentares Carla Zambelli (PL), Flávio Bolsonaro (PL) e Eduardo Bolsonaro (PL) (grupo B), trazendo o meme #BolsonaroTemRazao usado para fazer referência às implicações socioeconômicas da adoção de medidas de prevenção contra a COVID-19, como isolamento social. A *hashtag* já havia sido utilizada anteriormente, porém teve uma grande movimentação no dia 25 de março de 2020, após um pronunciamento⁵ do então presidente Jair Bolsonaro pedindo o fim do que ele chamava de “confinamento em massa” e a reabertura dos comércios, chegando a primeiro lugar nos assuntos mais comentados (conhecidos como *trending topics*) da rede social X (na época, Twitter). Os internautas prontamente foram ao X demonstrar seus apoios ao líder⁶.

Nos casos acima, é ressaltado o comprometimento da renda do trabalhador que adere à quarentena e fica em casa para preservar a sua saúde e a da coletividade. Ao usar expressões como “E agora senhores do *lockdown*?” e “Fique em casa no final do mês a Globo vai pagar suas contas” vemos uma crítica, por meio do uso de sarcasmo, contra o isolamento social. Já nas publicações de Carla Zambelli e Eduardo Bolsonaro, ambos trazem manchetes que embasam seu posicionamento contra a quarentena, indicando que a medida teve mais consequências negativas do que positivas, por exemplo desemprego e fome contra o avanço do vírus. Há neste sentido, uma crítica postulada pelos parlamentares declaradamente bolsonaristas, que atacam diretamente a concepção republicana da saúde como bem comum que deve ser preservado e garantido a todos e todas a despeito de prejuízos econômicos. Tal postura é relevadora do imperativo neoliberal que se assenta na maximização do empenho dos indivíduos na produção de bens e serviços, mesmo que isso tenha custos em termos de bem-estar e saúde mental ou física (Dardot; Laval, 2016).

Os *posts* destacados aqui fazem coro com a agitação discursiva bolsonarista durante a pandemia na qual medidas como lockdown e isolamento social são apontadas como perigosas para a sociedade, asseverando que esse modelo de política teria, inclusive, tendência a aumentar o número óbitos. No entanto, nenhuma das manifestações acima traz dados científicos para endossar o discurso de defesa do boicote a medidas de contenção da disseminação da doença recomendadas coletividade científica. Além disso, destacamos o uso de um veículo de comunicação sem reconhecimento público sendo mobilizado para validar narrativas negacionistas sobre a gravidade do contágio do vírus (Souza, 2020).

⁵ CanalGov. Pronunciamento Oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro. **Youtube**. Transmitido ao vivo em 24 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/VWsDcYK4STw?si=SfoZ9Ef2zVv0U-5V>. Acesso em: 08 ago. 2024.

⁶ Poder360. Internautas travam batalha de narrativas após pronunciamento de Bolsonaro. **Youtube**. 25.mar.2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/internautas-travam-batalha-de-narrativas-apos-pronunciamento-de-bolsonaro/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

Quando levamos em consideração o uso da *hashtag* #BolsonaroTemRazao e como ela reforça um posicionamento de fidelidade ao ex-presidente, pois as *hashtags* desempenham um papel estratégico na transmissão discursiva porque permitem que os leitores se interconectem por meio do agrupamento das publicações que, por sua vez, contêm experiências pessoais e, desse modo, se consolidam como um modo de propaganda ou incitação (Chagas, 2020; Araujo; Oliveira, 2020).

Matos (2020), a partir do banco de dados do Ministério da Saúde sobre as notícias falsas sobre a pandemia, destaca que em redes sociais digitais bolsonaristas quando o uso de máscara de proteção facial era evocado, havia, simultaneamente, práticas discursivas afirmando que a peça não tinha qualidade ou já estava contaminada, quando proveniente da China. O mesmo aconteceu em relação ao uso do álcool em gel, pois o autor relata que foi possível verificar as seguintes declarações: “Álcool em gel é a mesma coisa que nada”; “Utilizar álcool em gel nas mãos para prevenir coronavírus altera bafômetro nas blitz” (Matos, 2020, p. 80). Ademais, o autor também verificou a preponderância de notícias e recomendações equivocadas de bebidas quentes e chás medicinais contra o vírus, que se assentaram sobretudo no conhecimento tradicional popular difundido entre o senso comum, objetivando evitar a contaminação ou até mesmo o alívio dos sintomas em caso de infecção. Mas, como o próprio pesquisador observa, em consonância com o que foi esclarecido pelo Ministério da Saúde (MS) (Matos, 2020, p. 81), não foi comprovada a eficácia de nenhum recurso terapêutico que possa prevenir a infecção pelo coronavírus, seja substância, medicamento, vitamina ou alimento específico. À época, o jornal online *Estadão*, em 31 de março de 2020, checou e descreditou o próprio MS, que em sua página, publicou uma notícia falsa que afirmava que o chá de limão com bicarbonato quente tinha o potencial de curar o coronavírus⁷.

Fundamentado nesse mesmo alicerce, Neto (2021) constatou que a desinformação em torno do uso de Produtos Naturais durante a pandemia da COVID-19 foi um dos assuntos mais comentados quando se fala em *fakenews*. Como o autor afirma, a expansão do tratamento por medicamentos fitoterápicos⁸ se apoia na ideia de que o “natural não faz mal” (Neto, 2021, p. 10). Logo, o uso do alho, boldo, erva doce, jambu e até mesmo óleos essenciais foram algumas das evidências empíricas encontradas sobre prevenção contra o coronavírus, mas que não apresentaram, em estudos científicos, resultados promissores e eficientes para a sua utilização (Neto, 2021).

⁷ Chá de limão com bicarbonato quente cura coronavírus. 03/04/2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/fakenews/46652-cha-de-limaocom-bicarbonato-quente-cura-coronavirus-e-fakenews>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

⁸ De acordo com o Ministério da Saúde, medicamentos fitoterápicos são aqueles obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais, cuja segurança e eficácia sejam baseadas em evidências clínicas e caracterizados pela estabilidade de sua qualidade. RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC N° 26, DE 13 DE MAIO DE 2014. (Brasil, 2014).

Memes sobre o tratamento contra o coronavírus

Neste eixo se destacam notícias que promoveram o uso da hidroxicloroquina para pacientes infectados. Neste sentido, a seguinte chamada foi publicada no grupo “Canal Direita da Opressão” no Telegram: “Facebook admite que ‘cometeu um erro’ ao censurar hidroxicloroquina”. Em seu conteúdo, a autora da publicação alega que a rede social revisou sua política sobre o que considera desinformação e, além disso, citou fontes científicas para defender o uso do medicamento, como bancos de dados dos Estados Unidos e da Universidade do Texas, sendo que um docente da instituição é mencionado para tratar das possibilidades da cloroquina como via de tratamento precoce. Mais uma vez, percebe-se a citação de especialistas em *fakenews* para conceder credibilidade aos argumentos expostos por negacionistas da ciência consensuada pela coletividade de *experts* internacional (Souza, 2020).

Quadro 2: Memes sobre o tratamento contra o coronavírus



Figuras 4 e 5. Fonte: Grupo Movimento Brasil de Direita / Movimento Brasil à Direita – Bolsonaro 2026 no Facebook.

Figura 6. Fonte: #BolsonaroTemRazao no X.

No Quadro 2, reunimos memes que apresentam uma defesa acalorada do uso da cloroquina e nitroxanida como medicamentos eficazes e baratos para o tratamento da doença causada pela COVID-19. Na fig. 4, o meme promove a nitroxanida como droga capaz de combater o coronavírus. Vemos, na parte inferior da imagem, a frase “Contra a peste chinesa” em caixa alta, presumidamente para chamar a atenção e na cor vermelha, a cor da bandeira da China. Portanto, podemos perceber não apenas a divulgação de um medicamento que foi rebatido pelo MS, mas também culpabilizando uma nação pela criação e circulação do vírus.

Já na fig. 5 temos a defesa da hidroxicloroquina, o meme utiliza de um depoimento feito sobre a eficácia do medicamento contra o vírus e coloca a frase “Por que PT é contra salvar vidas?” em caixa alta, usada para questionar a suposta falta divulgação da droga como tratamento válido contra a doença. Além disso, outro elemento que se destaca é o que vemos no centro da imagem: o presidente Lula com

dois chifres em sua cabeça, remetendo a uma figura diabólica. No *post* do senador Flávio Bolsonaro feito no X (Fig. 6), existe a defesa do uso da hidroxicloroquina para pacientes infectados atribuindo ao MS a liberação da medicação enquanto parte da política de tratamento precoce da doença. Percebe-se que a evocação de uma instituição parte de um sistema perito em questões sanitárias objetiva conceder credibilidade à (des)informação divulgada (Souza, 2020).

Telma Rocha *et al.* (2020) vão reiterar que houve um uso estratégico da medicação como manipulação e jogos de interesse do governo federal. Apesar da publicação intensa de estudos nacionais e internacionais atestando a ineficácia dos medicamentos supracitados para o tratamento do coronavírus (Rocha *et al.*, 2020), ocorre o robustecimento da descrença e do ceticismo frente às comprovações científicas consensuadas.

Silva e Silva Júnior (2021) realizaram um trabalho bastante preciso sobre as estratégias discursivas e os jogos de verdade que foram feitos sobre o uso da cloroquina no combate à COVID-19. Os pesquisadores notaram, então, “verdades” falseadas com o objetivo de sustentar interesses ideológicos e pessoais, desconsiderando a saúde populacional. Nessa conjuntura, o medicamento sofreu uma politização e foi responsável pelo constrangimento causado a inúmeros pesquisadores, ao divulgarem a ineficiência do remédio contra o SARS-CoV-2⁹. Mesmo assim, o fármaco continuou sendo considerado por muitos seguidores do presidente Bolsonaro como um “elixir da cura” (Silva; Silva Júnior, 2021, p. 62). Por conseguinte, instalou-se uma guerrilha discursiva definida por interesses políticos, em que de um lado havia os defensores da cloroquina e, do outro, a oposição, que “oculta a verdade verdadeira” (Silva; Silva Júnior, 2021, p. 68).

Memes sobre a imunização contra o coronavírus

No Brasil, o início da vacinação foi marcado pelo dia 17 de janeiro de 2021, com a aprovação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) de, pelo menos, cinco imunizantes¹⁰. Sintomas adversos como febre, dores no braço e possíveis outras reações aos imunizantes são os principais elementos levantados

⁹ GORTÁZAR, Naiara Galabarra; JUCÁ, Beatriz. Cientistas brasileiros vivem pesadelo em meio à politização da cloroquina. *El País*. Publicado em 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-25/cientistas-brasileiros-vivem-pesadelo-em-meio-a-politizacao-da-cloroquina.html>. Acesso em: 09 ago. 2024.

¹⁰ Comirnaty (Pfizer/Wyeth); Coronavac (Butantan); Janssen Vaccine (Janssen-Cilag); e Oxford/Covishield (Fiocruz e Astrazeneca). A Sputnik V e Covaxin foram vacinas aprovadas apenas para importação excepcional. De acordo com o G1 (2021, n.p.): “Os que tomaram primeira dose de vacinas contra a Covid chegaram a 40,76%. São 86.332.655 de doses aplicadas, o que corresponde a 40,77% da população. Somando a primeira dose, a segunda e a dose única são 118.448.765 doses desde o começo da vacinação, em janeiro”.

pelos bolsonaristas para gerar dúvidas sobre as vacinas contra a COVID-19 (não restrita a ela). Apesar da vacina ser cientificamente comprovada como eficaz, o medo dos eventos adversos, unido com a desinformação, poluem o ciberespaço e a esfera pública, prejudicando a campanha pública de vacinação (Nassaralla *et al.*, 2019).

Quadro 3: Memes sobre a imunização contra o coronavírus



Figuras 7 e 8. Fonte: Grupo Brasil & Brasileiros no Facebook.



Figuras 9 e 10. Fonte: Grupo Movimento Brasil de Direita / Movimento Brasil à Direita – Bolsonaro 2026 no Facebook.



Figuras 11, 12 e 13. Fonte: Grupo Movimento Brasil de Direita / Movimento Brasil à Direita – Bolsonaro 2026 no Facebook.

No Quadro 3, temos exemplos de memes que satirizaram a vacina contra o coronavírus, sugerindo que a medida não era segura para a população brasileira e que poderia, inclusive, levar a morte dos vacinados (Figs. 7 e 10).

Na fig. 8, “Meus Filhos, Minhas Regras” o meme faz referência ao slogan “Meu Corpo, Minhas Regras” frase de cunho feminista que gira em torno de autonomia corporal. Dando a entender que, a decisão de vacinação de crianças deveria ser optativa, estando sob controle dos pais. Na fig. 9 temos o atual presidente da China Xi Jinping, segurando uma seringa com a frase “Plimelo João Dória”. João Dória foi governador de São Paulo durante a pandemia e um defensor afincado da vacinação. O político anunciou a parceria entre o Instituto Butantan e farmacêutica

chinesa Sinovac, para a criação e teste da vacina conhecida como CoronaVac¹¹. O meme, portanto, faz piada com o presidente chinês que seria responsável por aplicar a dose da vacina no ex-governador, atribuindo a falantes da língua chinesa erros gramaticais ao se exprimirem em português, como na pronúncia da palavra “plimeilo” (primeiro), reproduzindo, assim, racismo contra essa população asiática no país.

Nas figuras. 11 e 13, os memes brincam com a vacina não ser segura para consumo, em vista de que durante a pandemia os ensaios clínicos foram altamente questionados. Vemos, por fim, na fig. 12 uma ampola com a foto do ex-presidente dentro do frasco, escrito logo baixo “1ª e 2ª dose”, remetendo à fidelidade a Bolsonaro durante seu primeiro mandato em 2018 e para o segundo, em 2022.

Logo, constatamos que os usos de memes sobre medidas de combate à pandemia da COVID-19 participaram do espaço discursivo de politização da saúde pública no país durante a recente crise sanitária que assolou o planeta. Com efeito, “a mediação feita pelo meme até pode ser subestimada por ser tão bem ocultada, sutil e, necessariamente, disfarçada, mas o seu efeito é perfeitamente sentido.” (Silva; Lopes Júnior, 2023, p. 352).

No cenário de pandemia fortalecido pelo negacionismo e pela desinformação, verificamos que os memes foram utilizados como operadores discursivos da crítica bolsonarista ao viés, pretensamente, esquerdista das medidas de combate à crise sanitária, em compasso com a OMS, atuando como veículos da agitação do caos informacional, chamado infodemia. A agitação bolsonarista ataca a credibilidade dos sistemas peritos quando falamos de ciência, cedendo espaço para a dúvida radical (Guivant; Macnaghten, 2011).

Conforme atuação do governo federal desde 2020, sob gestão de Jair Bolsonaro (PL), os riscos da COVID-19 foram minimizados e questionados em favor de medidas que “salvassem” a economia, não priorizando as vidas humanas e a redução das ameaças provenientes do SARS-CoV-2 (De Lima, 2021).

Na verdade, os discursos bolsonaristas no contexto da pandemia postulavam uma ciência “neutra e não ideologizada”, livre do viés de esquerda, o qual reivindicaria isolamento físico como forma de prevenção e desmistificação da Cloroquina e Ivermectina como dispositivos holopáticos de tratamento da doença, sem provas emitidas pela ciência “pura”. Assim, negar consensos científicos, não significa negar a ciência, pois o que presenciamos foi a instrumentalização política da ciência pela extrema-direita, ainda assim, o fato é que as ‘versões alternativas’ que marcam os discursos negacionistas são ‘vendidas’ como se ciência fossem (Duarte; Benetti, 2021). “Afinal, o que explicaria a emergência de ‘gurus’ da extrema-direita política

¹¹ SÃO PAULO. INSTITUTO BUTANTAN. Governo de SP vai testar e produzir vacina contra coronavírus. 2020. Disponível em: <https://vacinacovid.butantan.gov.br/imprensa/governo-de-sp-vai-testar-e-produzir-vacina-contracoronavirus>. Acesso em: 09 ago. 2024.

senão a necessidade de legitimar, mundialmente, uma espécie de ‘espaço acadêmico do B?’” (Guimarães, 2022, p. 3).

O questionamento e a deslegitimação de consensos científicos não levam, necessariamente, ao abandono da ciência, mas serve para suscitar dúvidas e desconfiança “sobre uma certa ciência, restrita a certos grupos de pesquisadores, em certas instituições que, de forma proposital, passam a ser associadas a certos ‘interesses escusos’” (Guimarães, 2022, p. 5). Este cenário corrobora para a emergência de “eu-pistemologias” que, ao se beneficiarem do momento crítico de confiança no método científico consensual, oportuniza a “legitimidade da experiência individual, da trajetória de vida, dos sentidos imediatos, dos afetos e das intuições” (Cesarino, 2021, p. 80).

Na análise dos memes dos agitadores bolsonaristas cotejados neste texto pudemos observar como o potencial de “reorganização epistêmica” sobre prevenção, tratamento e imunização atravessou a infraestrutura digital das redes sociais pesquisadas, ressignificando a gravidade da crise sanitária e da doença causada pelo vírus COVID-19.

Chamamos ainda a atenção para o fato do eu epistêmico nesse caso potencializar o “eu do grupo” (Adorno, 2015), reforçando o autoritarismo de figuras públicas que se tornam bússola identitária para grupos de simpatizantes e seguidores, como o ex-presidente Bolsonaro, durante a pandemia da COVID-19. Como explica Cesarino (2021), a eficácia do mecanismo discursivo pautado na “eu-pistemia” de Bolsonaro, desde a sua campanha presidencial, em 2018, encontra em seus eleitores reprodutores de conteúdos estruturados segundo a formação discursiva desse político, uma vez que o formato digital permitiu a qualquer um replicar conscientemente ou não, “uma gramática política muito elementar” (Cesarino, 2021, p. 91).

Considerações finais

Com o advento da pandemia do novo coronavírus, a partir de março de 2020, a desinformação se tornou a grande inimiga no combate ao vírus e, no Brasil, se notabilizou como arma política do bolsonarismo para ideologização da saúde pública, dificultando o trabalho de prevenção, tratamento e imunização, segundo orientações médico-científicas legitimadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em saúde coletiva, a comunicação com públicos leigos sobre prevenção, tratamento e imunização a partir de informações confiáveis é essencial para se garantir o controle de uma epidemia ou pandemia (Leal, Vianna, 2013).

Presenciamos, através da potencialização da comunicação online, a uma forte descentralização de informações, desfavorecendo, principalmente, veículos de comunicação concebidos como centrais da nossa esfera pública, como fonte deontologicamente segura de informações. O problema da desinformação em si

afeta a qualidade da vida democrática e em momentos críticos, como o de uma crise sanitária global, corrobora negativamente para o tratamento sério de um problema público de alcance mundial. O discurso anticência consensuada pelos peritos ganhou um importante aliado com os memes enquanto condutores eficazes de narrativas negacionistas. Ganha relevo também o uso da *tag* influenciando diretamente o público receptor e, do mesmo modo, impulsionando os perfis que fizeram a publicação, em geral, produtores e reprodutores do discurso de figuras públicas que têm um papel importante na circulação de (des)informação (Recuero; Soares, 2022). Logo, o contexto pandêmico, onde as pessoas precisavam de respostas para as suas incertezas sobre formas de contágio e tratamento da doença, converteu-se em cenário perfeito para se colocar em xeque a eficácia das instituições científicas e da saúde.

Com base no material analisado, é possível afirmar que as disputas discursivas no contexto pandêmico estão perpassadas por ideologias e crenças, inseridas em uma dada conjuntura histórica, em que o negacionismo e o anticientificismo se fazem presentes e nutrem a agitação bolsonarista. Tal agitação encontra repercussão através do sensacionalismo e distorção de notícias, em que é possível notar a formação de um discurso paralelo às versões oficiais a partir de uma intertextualidade que promove uma virada semântica em favor de narrativas conspiratórias, baseadas em vídeos, links e memes de redes sociais.

A manipulação midiática, fortalecida por essa agitação bolsonarista, insere a ciência e as autoridades epistêmicas como difusoras de mentiras, enquanto os agitadores da extrema direita se colocam como resistência do “da verdade”. As pseudoinformações conseguem angariar apoiadores para o negacionismo, ideologizando a saúde pública. Sendo assim, sob a construção de uma perspectiva maniqueísta, o caos informacional e o discurso de ódio são instaurados.

Nos termos de Renato Lessa (2020), o *homo bolsonarus* é um “homem novo” dos tempos distópicos, com hábitos e características de um animal artificial, dominado pela assimetria fixa da história brasileira entre os sujeitos, materializado numa criatura jovem. Seu maior objetivo é devolver a sociedade ao seu estado de natureza, em que as interações humanas são governadas pelas vontades, instintos e pulsões, ao mesmo tempo em que a mediação nas relações sociais é mínima ou mesmo inexistente. Seus principais atributos se concentram na ação direta, intimidação, horror à mediação e na índole libertária.

Os parlamentares bolsonaristas aqui evocados se mostram suscetíveis à propaganda antidemocrática em prol do engano e do caos informacional durante a pandemia. São agitadores que agem em favor da mudança do status quo operada a partir da descredibilização de sistemas peritos e têm como liderança Jair Bolsonaro como eu-pistemia do grupo. Bolsonaro, enquanto dirigente e porta-voz da sua audiência, se coloca como um político que entende que a mudança social deve ser

feita. Ao mesmo tempo, se impõe como um homem do povo, mediano que cogita soluções de problemas nacionais de modo incongruente e chocante.

Com atividades difusas, os agitadores se destacam dentro da própria audiência, ressaltando o seu sofrimento com relação à sociedade e ao Estado e suas políticas, influenciando a liberação de sentimentos morais que afastam os membros dessas comunidades emocionais e cognitivas de raciocínios promissores para soluções de problemas públicos de alcance, inclusive global.

Dito isso, consideramos que um dos efeitos mais perversos da proliferação de notícias falsas na esfera pública em momentos críticos, como o da pandemia do novo coronavírus, é o comprometimento conjuntivo da 1) capacidade reflexiva de coletividades para a investigação, voltada ao esclarecimento e à adoção de comportamentos responsáveis diante de um problema público e 2) da robustez da democracia sanitária que envolve o direito a informações eticamente elaboradas, com base em conhecimentos confiáveis, para tomada de decisões individuais sobre prevenção, tratamento e imunização que impactam a saúde pública.

Por fim, estimamos que para restituir à esfera pública seu caráter de lócus de debate de problemas públicos precisamos atentar para formatos discursivos que a desinformação pode assumir no esteio da cultura digital atual, como os memes, os quais não devem ser subestimados como simples signos do bom humor na política, além de levarmos mais a sério a essencialidade de uma pedagogia democrática com base na literacia digital. Os memes são unidades discursivas jocosas de fácil assimilação que escondem complexidades culturais por trás da sua aparência divertida. Estamos falando de uma modalidade informativa a ser considerada quando tratamos da regulação das plataformas digitais e da aplicação de sanções à prática da *fakenews* nas mídias sociais. A mimetização da política, em geral, ou de uma política específica, com a de saúde pública, pode ser facilitadora da comunicação no ativismo digital, sendo capaz de nos unir ou nos dividir em momentos críticos cruciais, como a crise sanitária da COVID-19, quando comportamentos individuais impactavam o bem-estar coletivo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Estudos Sobre a Personalidade Autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, T. W. **Ensaio Sobre Psicologia Social e Psicanálise**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ARAUJO, R. F.; OLIVEIRA, T. M. de. Desinformação e mensagens sobre a hidroxicloroquina no Twitter: da pressão política à disputa científica. *AtoZ*, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v9i2.75929>. Acesso em: 26 nov. 2023.

BAPAYE, J. A.; BAPAYE, H. A. Demographic Factors Influencing the Impact of Coronavirus-Related Misinformation on WhatsApp: Cross-sectional Questionnaire Study . **JMIR Public Health Surveill.**, v. 7, n. 1, p. e19858, Jan. 2021. Doi: 10.2196/19858. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33444152/>. Acesso em: 07 ago. 2024.

BÁRBARA, L. B. Da fosfoetanolamina à cloroquina: notas sobre a politização da ignorância. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R. (org.). **Cientistas Sociais e o Coronavírus**. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BECK, U. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011.

BLUMER, Herbert. «Collective behavior», In: PARK, R (Ed.). **An Outline of the Principles of Sociology**. New York: Barnes and Noble, 1939. p. 221-280.

BORTOLIN, A. de C.; FERNANDES, C. B. We Can Do It!: o funcionamento discursivo dos memes no espaço digital. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 57, p. 81-102, 2017

BRASIL. Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RESOLUÇÃO DA DIRETORIA COLEGIADA - RDC Nº 26, DE 13 DE MAIO DE 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

BRODIE, R. **Virus of the mind**: the new science of the meme. London: Hay House, 2009.

BROWN, M.; KEEFER, L. A.; MCGREW, S. J. Situational factors influencing receptivity to bullshit. **Social Psychological Bulletin**, v. 14, n. 3, 2019.

BUCHEL, B. **Internet Memes As Means Of Communication**. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Estudos Sociais, Masaryk University, Brno, 2012. <https://is.muni.cz/th/bhfw/h/>. Acesso em: 07 ago. 2024.

CANALGOV. Pronunciamento Oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro. **Youtube**. Transmitido ao vivo em 24 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/VWsDcYK4STw?si=SfoZ9Ef2zVv0U-5V>. Acesso em: 08 ago. 2024.

CAPPELLE et al. **Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais**. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 5, n. 1, art. 6, 2003.

CARRION, M. L. “You need to do your research”: Vaccines, contestable science, and maternal epistemology. **Public Understanding of Science**, v. 27, n. 3, p. 310-324, 2018.

CESARINO, L. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021. DOI: 10.5007/2175-8034.2021.e75630. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75630>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CHAGAS, V. (ed.). **A Cultura Dos Memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

COLLINS, H.; EVANS, R. **Repensando a expertise**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

DAMASCENO, H. L. C. Memes e narrativas em tempos de pandemia da Covid-19: um estudo analítico. **Folha de Rosto**, v. 6, n. 2, p. 119–135, 2 jul. 2020. Disponível em: //periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/527. Acesso em 02 dez. 2022.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DAWKINS, R. **The Selfish Gene**. 30th anniversary ed. Oxford; New York: Oxford University Press, 2006.

DE LIMA, S., J. P. **PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL, SOCIEDADE DE RISCO E A CONDUÇÃO DO GOVERNO FEDERAL**. Monografia (Bacharelado em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal da Paraíba. Santa Rita, p. 81, 2021.

DEWEY, J. **Logica**: Teoría de la investigación. México: Fondo de Cultura Economica, 1950.

DEWEY, J. **The public and its problems**. Chicago: Swallow Press, 1927.

DÍAZ, C. M. C. Defining and characterizing the concept of Internet Meme. **Revista CES Psicología**, v. 6, n. 2, p. 82-104, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-30802013000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 ago. 2024.

DUARTE, D. E.; BENETTI, P. R. Pela Ciência, contra os cientistas? Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia. **Sociologias**, v. 24, n. 60, p. 98–138, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18070337-120336>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ELEUTÉRIO, K. I. P.; MARTINS, S. A.; MENEZES, J. P. C. B.; SANTOS, M. A.; SOUZA, M. C. de; MOTA, R. C. L. O meme político: uma análise na perspectiva tecnológica e democrática. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, e19010917960, 2021.

FERNANDES, C. M. et al. A Pós-verdade em tempos de Covid 19: o negacionismo no discurso de Jair Bolsonaro no Instagram. **Liine em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. e5317, 2020.

FIELITZ, M.; AHMED, R. It's Not Funny Anymore: far-right extremists' use of humour. **Radicalisation Awareness Network – RAN**, 2021. Disponível em: https://home-affairs.ec.europa.eu/networks/radicalisation-awareness-network-ran/publications/far-right-extremists-use-humour-2021_en. Acesso em: 11 dez. 2023.

A memetização do discurso bolsonarista sobre combate à pandemia da Covid-19: democracia sanitária à prova da desinformação

FREIRE, F. Uma breve reflexão sobre memes políticos, humor e conversação cotidiana informal. **Em Debate**, v. 8, n. 6, p. 34-40, 2016.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N. P.; MINAYO, M. C. de S.; FAGUNDES, M. C. M. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 4201-4210, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>. Acesso em: 06 maio 2023.

GORTÁZAR, N. G.; JUCÁ, B. Cientistas brasileiros vivem pesadelo em meio à politização da cloroquina. *El País*. Publicado em 25 de maio de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-25/cientistas-brasileiros-vivem-pesadelo-em-meio-a-politizacao-da-cloroquina.html>. Acesso em: 08 ago. 2024.

GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso**: conceitos e aplicações. Alfa, v. 39. p.13-21, São Paulo, SP, 1995.

GUIMARÃES, C. C. Negacionismo científico: do debate epistemológico à luta de classes. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 20, e00628185, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs628>. Acesso em: 20 fev. 2024.

GUIVANT, J. S.; MACNAGHTEN, P. Breaking the Consensus: A Perspective on Technological Governance from Brazil. In: Zülsdorf, Torben; Christopher Coenen; Arianna Ferrar;, Colin Milburn; And Matthias Wienroth. (Org.). *Quantum Engagements: Social Reflections of Nanoscience and Emerging Technologies*. Heilderberg: Akademische Verlagsgesellschaft Aka GmbH, 2011.

GUTERMAN, N.; LOWËNTHAL, L. **Les Prophètes Du Mensonge**: Étude sur l'agitation fasciste aux États-Unis. Paris: La Découverte, 2019.

G1. Vacinação no Brasil: população totalmente imunizada contra a Covid passa de 15%. Publicado em 14 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/07/14/vacinacao-no-brasil-populacao-totalmente-imunizada-contr-a-covid-passa-de-15percent.ghtml>. Acesso em: 08 ago. 2024.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989

HABERMAS, J. **Espace Public Et Démocratie Délibérative**: un tournant. Paris: Gallimard, 2022.

HABOWSKI, A. C. CONTE, E.; MILBRADT, C. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 2, p. 492-497, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i2.8657420. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8657420>. Acesso em: 30 maio 2023.

HONNETH, A. **Ce que social veut dire** - Tome 1 : Le déchirement du social. Paris: Gallimard, coll. «NFR Essais», 2013.

JUNIOR et al. Impact of COVID-19 pandemic on mental health of young people and adults: a systematic review protocol of observational studies. *BMJ Open*. 2020 Jul 1;10(7):e039426. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32611746/>. Acesso em: 30 maio 2023.

LEAL, S. A. G.; VIANNA, G. Divulgação pública de controvérsias científicas: o caso da vacina BCG contra tuberculose no Brasil. **Controvérsias y Concurrencias Lationamericanas**, v. 5, n. 7, p. 67-96, abril.2013

LESSA, R. Homo Bolsonaro: de como nasceu e se criou o confuso e perigoso animal artificial que encarna momentos arcaicos da sociabilidade brasileira. **Serrote**, [edição especial], p. 46-67, 2020. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/wp-content/uploads/2020/07/serrote-especial-em-quarentena.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

LINDEMAN, M. ; SVEDHOLM-HÄKKINEN, A. M.; RIEKKI, T. J. J. Searching for the cognitive basis of anti-vaccination attitudes. **Thinking & Reasoning**, v. 29, n.1, p. 111-136, 2022, DOI: 10.1080/13546783.2022.2046158

MARTIN, R. A. **The Psychology of Humor**: an integrative approach. Amsterdam Boston: Elsevier Academic Press, 2007.

MARWICK.; A. LEWIS, R. Media manipulation and disinformation online. **Data & Society**, 15 maio 2017. Disponível em: <https://datasociety.net/library/media-manipulation-and-disinfo-online/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MATOS, R. C. Fake news frente a pandemia de COVID-19. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 3, p. 78-85, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22239/2317-269X.01596>.

MEDINA, R. Z.; GARCÍA, S. G.; MARTÍNEZ, H. M. Los memes políticos como recurso persuasivo: análisis de su repercusión durante los debates electorales de 2019 en España. **Opinião Pública**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 681-704, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912021272681>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MEJIA, F. da R. **O Patrimônio Memeal em Tempos De Covid-19**: análise a partir do acervo do #MUSEUdeMEMES. 2022. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/31393>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MERCADO, A. B.; SCARGIALI, E. A. Las derechas hechas meme em Argentina y Brasil (2015-2019): un análisis sobre los contenidos de humor político en el contexto de gobiernos conservadores. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación**, n. 112,

A memetização do discurso bolsonarista sobre combate à pandemia da Covid-19: democracia sanitária à prova da desinformação

p. 336-354, 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.18682/cdc.vi112.4108>. Acesso em: 10 dez. 2023.

MERTON, R. K. La Ciencia y el Orden Social. In: R. K. Merton, *La Sociologia de la Ciencia* 2. Madrid: Alianza Editorial SA, 1977, pp. 339-354.

MILNER, R. M. Polivocalidade pop memes de internet, participação pública e o movimento Occupy Wall Street. In: CHAGAS, V. (ed.). **A Cultura dos Memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

MISKOLCI, R. Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de covid-19. **Sociologias**, v. 25, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18070337-123090>. Acesso em: 09 dez. 2023.

MONTEIRO, M.; ROTH, F.; SHELLEY-EGAN, C. Global systems resilience and pandemic disease: a challenge for s&t governance. **Technology Assessment in a Globalized World**, p. 203-221, 2023. Springer. Disponível em: https://backend.orbit.dtu.dk/ws/portalfiles/portal/308399953/978_3_031_10617_0_10.pdf. Acesso em: 07 ago. 2024.

MOUTINHO, F. F. Conflitos Da Sociedade Brasileira Com As Normas Sanitárias: um paralelo entre a revolta da vacina e a pandemia de covid-19. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Uberlândia, p. 60–71, 2020

NASSARALLA, A.P. A.et al. Dimensões e consequências do movimento antivacina na realidade brasileira. **Revista Educação em Saúde**. Goiás, v. 7, p. 120-125, 2019.

NETO, Luiz Eusébio de Almeida. **Mitos e verdades sobre o uso de produtos naturais na prevenção e tratamento da Covid-19**. Monografia (Bacharelado em Farmácia) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, p. 42, 2021.

NUMERATO, D.; VOCHOCOVÁ, L.; ŠTĚTKA, V.; MACKOVÁ, A. The vaccination debate in the “post-truth” era: social media as sites of multi-layered reflexivity. **Sociology of Health & Illness**, v. 41, n. S1, p. 82-97, 2019.

NUNES, J. H. Interacionismo simbólico e movimentos sociais: enquadrando a intervenção. **Sociedade E Estado**, 28(2), 257–277, 2013.

NUNES, M. **Mememes, Memes Everywhere**: aprendizagem colaborativa de língua inglesa através da leitura e produção de memes. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2020.

OLIVEIRA, A. S.; GOMES, P. O. Os Limites Da Liberdade De Expressão: fake news como ameaça à democracia. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 93-118, 2019.

OLIVEIRA, K. E.; PORTO, C. de M. Porque as pessoas compartilham memes. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 12, n. 1, p. 195–198, 2023. DOI: 10.17564/2316-3828.2022v12n1p195-198. Disponível em: <https://periodicos.grupotiradentes.com/educacao/article/view/11500>. Acesso em: 06 maio 2023.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. P. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, C. **Formas de Mobilidade no Espaço E-Urbano**: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. v. 2, 2013. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

ORLANDI, E. P. **Efeitos do verbal sobre o não verbal**. Revista Rua, Campinas: Editora Unicamp, 1995.

ORO, A. P.; ALVES, D. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. **Sociedad y religión**, [S. l.], v. 30, n. 54, 2020.

PIOVEZANI, C. Discursos da extrema-direita no Brasil: uma análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro. **Revista Latinoamericana De Estudios Del Discurso**, v. 21, n 2, p. 85–100, 2021.

PIOVEZANI, C. GENTILE, E. **A Linguagem Fascista**. São Paulo: Hedra, 2020.

PODER360. Internautas travam batalha de narrativas após pronunciamento de Bolsonaro. **Youtube**. 25 de março de 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/internautas-travam-batalha-de-narrativas-apos-pronunciamento-de-bolsonaro/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

RECUERO, R.; SOARES, F. B. #Vachina: how politicians help to spread disinformation about covid-19 vaccines. **Journal of Digital Social Research**, v. 4, n. 1, p. 73-97. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33621/jdsr.v4i1.112>. Acesso em: 09 fev. 2023.

ROCHA, T. et al. Fake News Em Tempos De Covid-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 297–320, 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.51910

SÃO PAULO. INSTITUTO BUTANTAN. Governo de SP vai testar e produzir vacina contra coronavírus. 2020. Disponível em: <https://vacinacovid.butantan.gov.br/imprensa/governo-de-sp-vai-testar-e-produzir-vacina-contracoronavirus>. Acesso em: 08 ago. 2024.

SHIFMAN, L. **Memes in Digital Culture**. Massachusetts, MA: MIT Press, 2014.

SILVA, F. V. da; SILVA JÚNIOR, J. da. O elixir da cura sob suspeita: uma análise discursiva de fake news sobre a cloroquina checadas pela agência lupa. **Revista Prâksis**, [S. l.], v. 2,

A memetização do discurso bolsonarista sobre combate à pandemia da Covid-19: democracia sanitária à prova da desinformação

p. 51–72, 2021. DOI: 10.25112/rpr.v2i0.2502. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2502>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SILVA, P.; LOPES JÚNIOR, O. P. Meme: análise dos rastros de uma micro-ação discursiva. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 20, n. 58, 2023. DOI: 10.18568/cmc.v20i58.2843. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2843>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SOLA-MORALES, S. Humor en tiempos de pandemia. Análisis de memes digitales sobre la COVID-19. **ZER: Revista de Estudios de Comunicación**, v. 25, n. 49, p. 33-58, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1387/zer.21817>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SOUZA, Nayara Iris Silva. A disseminação de fake news no caso do coronavírus (COVID-19): uma análise discursiva. **Revista Memento**, v. 11, n. 1, pp. 1-20, 2020.

TRAVERSO, E. Espectros del fascismo. Pensar las derechas radicales en el siglo XXI. **Herriamanta**, Buenos Aires, n. 58, outono de 2016. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/herramienta-buenos-aires/articulo/espectros-del-fascismo-pensar-las-derechas-radicales-en-el-siglo-xxi>. Acesso em: 07 ago. 2024.

TRAVERSO, E. **Las nuevas caras de la derecha. Conversaciones con Régis Meyran**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2017, p. 12.

UZEDA, H. C. FERREIRA, L. S. R.; SILVA JR., P. C. R. da. Museus no Ciberespaço: as redes sociais como nova dinâmica do público digital. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [s. l.], v. 10, n. especial, p. 195–208, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/37506>. Acesso em: 08 ago. 2024.

VOIROL, O. Pathologies de l’espace public et agitation fasciste. Leçons de la Théorie critique. **Réseaux**, vol. 202-203, no. 2, 2017, pp. 123-159.

WERNECK, A. “Dar uma Zoada”, “Botar a Maior Marra”: dispositivos morais de jocosidade como formas de efetivação e sua relação com a crítica. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 58, no 1, 2015, pp. 187 a 221.

WERNECK, A.; LORETTI, P. Critique-Form, Forms Of Critique: the different dimensions of the discourse of discontent. **Revista Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 08, 2018.

Submetido em: 19/06/2024

Aprovado em: 20/08/2024